

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Responsável: Prof. Vicente Dobroruka

www.pej-unb.org

Universidade de Brasília

IHD - Dpto. de História

Brasília -DF-

70910-900

**"FÍLON DE ALEXANDRIA E FLÁVIO JOSEFO SOBRE O
ESSENISMO"**

UERJ - IV ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DA ANTIGÜIDADE / V JORNADA
DE HISTÓRIA ANTIGA, 24-28 DE MAIO 2004

"RELIGIÃO, MAGIA E PODER NO MUNDO ANTIGO"

Alexandre Bermudez Bagniewski

Bacharel em História / UnB

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract

Não fornecido.



Fílon de Alexandria e Flávio Josefo sobre o essênismo

No mundo do primeiro século d.C.¹ a importância atribuída a um povo era medida parcialmente pela quantidade de espaço devotado àquele povo nas histórias gregas. A partir disto, a noção de um saber bárbaro foi conquistando estabilidade e aceitação entre os que se consideravam gregos². Já nos sécs. V e IV a.C. os filósofos e historiadores gregos haviam demonstrado um vivo interesse por doutrinas e costumes estrangeiros e tenderam a conceder-lhes certo valor. A "história" dos estudos de Pitágoras com professores bárbaros já pode ser encontrada em fontes do séc. IV e talvez seja mais antiga³.

Os bárbaros aproveitaram em grau inédito a oportunidade de dizer aos gregos algo sobre as suas histórias e tradições religiosas. No entanto, a influência intelectual dos bárbaros só era sentida no mundo helenístico à medida que eles eram capazes de se exprimir em grego. Os gregos raramente tinham condições de verificar o que os habitantes locais lhes diziam, pois não conheciam suas línguas. Já os habitantes locais, sendo bilíngües, buscavam sempre dizer e escrever o que os gregos desejavam ouvir e ler. Quando não havia necessidade urgente, utilizavam descrições utópicas e idealizadas; quando havia a necessidade de satisfação de um propósito imediato, apresentavam-se as propagandas, a adulação e acusações recíprocas⁴.

¹ Refiro-me ao mundo helenístico criado por Alexandre ao invadir a Ásia e propagar os valores gregos.

² Eram gregos todos aqueles que levavam o modo de vida considerado grego: que falavam grego, viviam em cidades que seguiam o modelo da polis, adoravam os deuses gregos.

³ Arnaldo Momigliano. *Os limites da helenização*. Jorge Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1991.

⁴ Idem, p.14.



No entanto, os judeus, assim como os romanos, consideravam-se sub-representados pela historiografia grega. Ainda assim, uma das características singulares do mundo helenístico é o papel especial que os judeus vieram a desempenhar nela, pois continuaram, em suma, convencidos da superioridade de suas crenças e modos de vida e lutaram por eles. No entanto, incessantemente, compararam as suas idéias com as idéias gregas, fizeram propaganda das próprias crenças, absorvendo muitos costumes e noções gregas no processo.

Nicolau de Damasco, secretário de Herodes, o Grande, tutor dos filhos de Marco Antônio e Cleópatra e um dos amigos preferidos de Augusto, foi o autor da *Coleção de costumes admiráveis*, onde descreve a estrita observância da verdade e da justiça entre alguns dos povos bárbaros e helênicos. Os costumes de povos históricos estão indiscriminadamente misturados com descrições fantásticas de nações míticas.

O povo denominado *galactophagi*, segundo Nicolau de Damasco, eram citados dentre os quais a "inveja, ódio e medo jamais haviam sido notificados devido a sua vida comunal e à prática da justiça"⁵. Aqui temos a retomada da idéia grega do *topos* literário, já utilizado desde o período homérico. Tendo em vista a recorrência do tema da vida comunal entre inúmeros povos, pode-se especular que a *Coleção*, de Nicolau de Damasco, possa ter contido uma descrição dos essênios.

Pode-se ir além e conjecturar a possibilidade de que Fílon e Josefo tenham se baseado nessa fonte comum para descrever os essênios. Fílon de Alexandria e Flávio Josefo

⁵ FrGH 104.6.



foram escritores judeus do período do Segundo Templo⁶ que se destacaram de todos os outros porque a maior parte de seus escritos foi preservada. Fílon, o mais antigo dos dois, viveu em Alexandria, e compôs várias obras sobre o Pentateuco. Josefo, o mais recente, viveu em Jerusalém e Roma, escreveu em grego e aparentemente também em aramaico e nos legou longas narrativas sobre seu povo. Para a maior parte da história do período do Segundo Templo, Josefo é nossa fonte primária ou mesmo única fonte de informação. Os dois tratam da seita dos essênios sendo eles as únicas fontes disponíveis sobre essa seita judaica que surgiu no primeiro século a.C. Entretanto, como se verá, o que temos é uma apropriação desse *topos* com um novo significado.

Uma leitura mais atenta de Josefo reconheceria que sua descrição dos essênios baseou-se em algum autor que tinha a informação em primeira mão. Em sua narrativa, os essênios, dentre as seitas judaicas⁷, são os únicos tratados de forma favorável no relato do reino de Herodes, uma versão provavelmente baseada na de Nicolau.⁸ Certamente que Josefo, um fariseu, não poderia ser o autor original de observações tão desfavoráveis a um grupo com o qual se identificava.

A descrição de Fílon da seita, que não difere muito da de Josefo, também menciona que os essênios eram favorecidos

⁶ O período do Segundo Templo se inicia com o fim do Exílio dos judeus na Babilônia, em 516-515 a.C. e termina com a destruição do Templo de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C.

⁷ "A filosofia judaica, de fato, divide-se em três formas. Os seguidores da primeira escola são chamados fariseus, os da segunda saduceus, da terceira essênios." Josefo. *Guerra dos judeus* (BJ) 2.118-122.

⁸ A simpatia pelos essênios pode ser encontrada em AJ 15.371-379; 18.18-22. A possibilidade de Josefo e Fílon terem se baseado em Nicolau para descrever os essênios é baseada na hipótese de que nenhum dos dois os conhecia em primeira mão. Nicolau é citado ocasionalmente por Josefo em sua narrativa sobre o reino de Herodes, o grande. Aqui há uma menção de que Herodes favorecia este grupo sobre as outras seitas mais importantes devido a uma previsão feita por um essênio, considerado um profeta, que previu que Herodes seria o rei dos judeus.



por reis, uma provável referência à simpatia de Herodes pela seita⁹. Em AJ¹⁰ a descrição dos essênios é concluída com uma referência aos dácios, que segundo Josefo seria uma tribo cita¹¹.

Esta comparação parece reconstruir a descrição de Nicolau dos *galactophagi*, que veremos a seguir. Seu modo de vida era descrito como contendo elementos comparáveis aos atribuídos aos essênios.

Se realmente Nicolau, autor de vários tratados filosóficos, descreveu as seitas judaicas, ele provavelmente as compararia com uma ou outra escola filosófica grega. Para um não-judeu, acostumado aos debates metafísicos, as disputas entre as doutrinas religiosas e práticas entre saduceus, fariseus e essênios podem ter assumido uma conotação filosófica familiar, que os autores discutidos repetem com prazer, já que se utilizam da mesma analogia para aproximar o objeto do leitor¹².

Se Nicolau incluiu uma descrição das leis e costumes judaicos nas *Coleções* é uma pergunta interessante que deve ser feita. Além disso, mesmo não havendo fragmentos nas *Coleções* que tratem de essênios ou mesmo dos judeus em geral, Nicolau não os poderia ter ignorado. O fato de o autor ter descrito a constituição e práticas de gregos e de bárbaros nos indica que os costumes dos judeus não estariam ausentes. O próprio Herodes os considerava seus aliados e também não se deve esquecer que Nicolau escreveu sob o patrocínio daquele monarca. Portanto, nas *Coleções* certamente havia uma descrição do povo judeu, já que

⁹ Ben Z. Wacholder. *Nicolaus of Damascus*. Berkeley / Los Angeles: University of California Press, 1962 P.31. Fílon aborda o favorecimento de Herodes quanto aos essênios em *Hipotética* 11.1-18 e *Porque todo homem bom é livre*, 89-91.

¹⁰ *Antiguidades judaicas*.

¹¹ Josefo AJ 18.22.

¹² Ver Fílon. *Porque todo homem bom é livre*, 75 ss.; *Hipotética*, 11 ss.; e Josefo AJ 15.371; BJ 2.156; V 12.



Nicolau, por tantos anos, conviveu com eles e não poderia ignorar seus costumes peculiares.

A *Coleção* constitui o relato mais importante sobre o topos que afirmo repetir-se nas obras dos historiadores gregos. O relato mais significativo para o nosso tema trata dos *galactophagi*, que não tinham habitações permanentes e se alimentavam exclusivamente de leite de égua. Entre eles não havia conflitos, por terem toda a comida em comum. Eram ainda descritos como supremamente justos por terem propriedade e mulheres igualmente em comum. Desconheciam a família, pois entre eles os mais velhos seriam como pais, os mais novos como filhos e os contemporâneos como irmãos. Aqui cita-se o relato completo sobre os *galactophagi*:

Os galactophagi são uma tribo cita, sem casa como a maioria dos citas, tendo como alimento só o leite de égua, que bebem e fazem queijo; e por isto é muito difícil lutar contra eles, pois em qualquer lugar eles têm alimento com eles próprios.

Eles [até] puseram Dario em fuga.

Eles são supremamente justos tendo em comum propriedade e mulheres, por isso que entre eles os mais velhos são considerados seus pais, os mais novos seus filhos e os contemporâneos seus irmãos.

Anacarsis era um deles, acredita-se que seja um dos sete sábios que vieram à Grécia, para escrever sobre os costumes dos outros.

E Homero lembrou-se deles, no verso onde diz: "Mísios lutando face a face, e nobres bebedores de leite de égua - nada mais, só leite como seu sustento, estes homens de perfeita justiça". Ele diz que eles vivem simplesmente porque não cultivam a terra ou porque não tem assentamentos definitivos ou [porque] só possuem arcos como propriedade; ele diz que eles vivem pelo arco.

Dentre eles ninguém jamais sentiu inveja, ou foi acusado, ou odiou, ou teve medo, por causa de sua vida em comum e justiça.

Preparadas para a batalha, dentre eles as mulheres não são consideradas inferiores aos homens, sempre que é necessário que lutem juntos.



*Por isso elas são as melhores amazonas, tanto que quando elas marcharam até Atenas e a Cilícia, elas viveram próximas ao lago Maiótides.*¹³

Hipócrates também fala das mulheres citas, e é provavelmente daí que Nicolau retira a parte final de sua descrição. Senão vejamos:

*Suas mulheres montam a cavalo, usam o arco, e jogam lanças de seus cavalos, e lutam contra seus inimigos enquanto ainda são virgens; e não deixam sua virgindade até que matem três de seus inimigos, nem tem qualquer ligação com os homens até que realizam os sacrifícios de acordo com a lei. Quem quer que tome para si um marido, deixa de montar a cavalo exceto quando a necessidade de uma expedição as obrigue. Elas não têm o seio direito, porque enquanto ainda estão em uma tenra idade suas mães esquentam fortemente um instrumento de cobre feito com este intuito, e aplicam-no sobre o seio direito, que é queimado, sendo seu desenvolvimento atrofiado, toda a força é direcionada ao ombro e braço direitos.*¹⁴

Essa narrativa aproxima as mulheres citas das lendárias amazonas.

De especial interesse é a citação de Homero por Nicolau, em que celebra a memória deste povo na *Iliáda*¹⁵. Fílon faz exatamente a mesma citação em seu tratado *Todo homem bom é livre*:

*Mísios lutando face a face, e nobres bebedores de leite de égua - nada mais, só leite como seu sustento, estes homens de perfeita justiça.*¹⁶

Fílon de Alexandria, judeu da Diáspora e filósofo platônico que escrevia em grego, em sua descrição dos *therapeutae*, uma seita judaica similar ou idêntica aos essênios, compara sua vida comunal e seu desdenho por bens

¹³ FrGrH 90-104.

¹⁴ Hipócrates. *Sobre ares, águas e lugares*, 17.

¹⁵ Homero. *Iliáda* 13.1-9.

¹⁶ Fílon. *Porque todo homem bom é livre* 17 cita a *Iliáda* 13.5-6.



mundanos aos dos *galactophagi* mencionados na *Iliáda*. Provavelmente, não há qualquer coincidência em que a citação em Fílon de Homero e sua interpretação sejam também encontradas em Nicolau de Damasco.

A questão da liberdade é muito importante em Fílon e reflete um *topos* favorito dos autores gregos, o de que os povos que se mantêm afastados da corrupta vida urbana se aproximam do modo de vida proposto pelos filósofos gregos: pleno de liberdade e de pureza, revelando aí um ascetismo proposto pelos estóicos. O tema é particularmente importante para Fílon, já que para ele a liberdade é o que distingue os homens bons dos maus. Isso faz de grupos como os bebedores de leite, essênios e *therapeutae* povos semelhantes em sua justiça, pois, ao abdicarem da propriedade privada e levarem uma vida ascética e em comunidades afastadas da vida urbana, eles atingiram a perfeita liberdade.

Fílon nos deixou ainda dois importantes trechos de sua obra em que aborda o modo de vida essênio¹⁷, colocando-os entre os povos que alcançaram a completa liberdade, fazendo uma comparação com os já citados mísios de Homero. Além disso, o filósofo estabelece um paralelo entre os essênios e os *therapeutae*, que podem ter constituído uma comunidade estabelecida nas redondezas de Alexandria¹⁸. Eram judeus que levavam uma vida ascética e dominavam a arte da cura.

Em Josefo, os essênios eram conhecidos por terem as mesmas habilidades descritas por Fílon¹⁹. Ele se refere às seitas judaicas como escolas filosóficas, à moda grega. Dentre as três escolas filosóficas relacionadas por Josefo está a dos essênios, que têm como principais

¹⁷ Fílon. *Porque todo homem bom é livre e Da vida contemplativa*.

¹⁸ Fílon. *Da vida contemplativa*. 1-2; 11-40; 63-90.

¹⁹ Josefo. BJ 2.128.



características seu ascetismo piedoso, o fato de seguirem à risca a Lei legada por Deus através de Moisés, o legislador dos judeus, e terem todos os seus bens em comum. Josefo identifica o modo de vida dos essênios com o dos pitagóricos, escola filosófico-religiosa conhecida dos gregos:

*Os essênios também, como chamamos uma de nossas seitas, foram dispensados dessa imposição [juramento de fidelidade a Herodes]. Estes homens vivem o mesmo tipo de vida que aqueles que os gregos chamam pitagóricos [...]*²⁰

Além disso, estabelece um paralelo com outro povo bárbaro também conhecido dos gregos, os dácios:

*[...] mesmo assim é seu curso de vida melhor que aqueles de outros homens; e eles se dedicam por completo à lavoura. Também merece nossa admiração, o quanto eles superam todos os outros homens que se dedicam à virtude, e também em justiça, e mesmo em tal grau, que nunca surgiu entre quaisquer outros homens, nem gregos nem bárbaros, não, nem por um curto período, e assim tem sido durante um longo tempo entre eles. Isso é demonstrado por aquela instituição deles, que não os impedirá de ter tudo em comum, dessa forma um homem rico não desfrutará mais de sua própria riqueza que aquele que não tem nada. Existem em torno de quatro mil homens que vivem dessa maneira, e nenhum deles toma esposas, nem desejam manter servos; porque pensam que os últimos levam os homens a se tornarem injustos, e as primeiras levam a discussões domésticas; mas como vivem sós, eles ajudam uns aos outros. Eles também indicam agentes para receber as rendas de suas receitas, e dos frutos da terra, aqueles que são os homens bons e sacerdotes, são quem devem preparar seu milho e seu alimento para todos. Entre eles nenhum difere em nada dos outros essênios em seu modo de vida, mas se assemelham muito aos dácios que são chamados polistae [habitantes de cidades].*²¹

²⁰ Josefo. AJ 15.10.

²¹ Josefo. AJ 18.19.



Aqui a semelhança não é mera coincidência. Josefo faz uma alusão explícita ao *topos* literário que observamos em Nicolau.

Nicolau, Fílon e Josefo, já no período helenístico, buscaram um modelo de descrição que pudesse atingir a sensibilidade da audiência para as quais seus trabalhos eram dirigidos: o tema de utopias bárbaras era o modelo perfeito para transmitir uma imagem idealizada das culturas as quais defendiam. É certo que nem Nicolau nem Fílon e nem Josefo tiveram contato em primeira mão com os *galactophagi*, no entanto, estes não eram desconhecidos para eles enquanto imagem que definia certos povos pouco conhecidos. Assim, os três autores foram buscar relatos sobre esses povos nas fontes disponíveis. No caso de Fílon e Josefo, esta fonte seria, como procurei demonstrar, a obra *Coleção de costumes admiráveis*, escrita por Nicolau de Damasco, e no de Nicolau, a própria obra de Homero e seus sucessores.

A nostalgia causada por esses povos entre os gregos foi muito provavelmente presidida pela construção de uma memória cuja referência principal remete à imagem mítica do paraíso onde se tem a representação de uma humanidade ideal que desfrutava de santidade e de uma plenitude espirituais inatingíveis para o homem da *polis*, civilizado e por isso corrompido, uma "humanidade caída"²², como diria Mircea Eliade.

Obviamente esse era um retrato idealizado do que eram os essênios, assim como dos outros povos descritos segundo o *topos* literário que aqui tomou-se por referência, pois na verdade Fílon, assim como Josefo, tinham um propósito bem definido, qual seja, o de atingir a sensibilidade grega através da apropriação de uma antiguidade mítica e assim

²² Mircea Eliade. *Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992. Pp.80-81.



identificar esta representação com os judeus, ou com um grupo dentro do conjunto do judaísmo. O estabelecimento de uma identidade com esse passado levaria assim a uma maior compreensão dos valores judaicos pelos gregos, através da identificação de uma parte dos primeiros com uma humanidade idealizada inteligível aos últimos.

Refletindo sobre o tema da construção das identidades, Woodward focaliza algumas estratégias como fundamentais nesse processo. Segundo a autora: "Uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos"²³. Isso porque a "afirmação política das identidades exige alguma forma de autenticação"²⁴. Outra, é pelo recurso à diferença. É a chamada "marcação simbólica"²⁵, que permite diferenciar o que somos, o que é comum, daquilo que não somos, do que é diferente. Neste caso, constrói-se a identidade relativamente a outras identidades.

Tanto uma forma quanto outra se constroem como verdades e fundamentam-se em versões essencialistas do passado. Seja pelo recurso à marcação simbólica da diferença (no caso dos gregos), seja pelo apelo à origem comum (Fílon e Josefo), há na apropriação da representação da imagem matriz dos *galactophagi* por essas narrativas, uma prática que instaura identidades.

Tanto Fílon quanto Josefo certamente preocuparam-se em oferecer ao público leitor uma imagem do povo judeu que pudesse servir de referência positiva à construção identitária do grupo. Ao contrário dos gregos que viam naqueles povos desconhecidos o outro que firmava sua

²³ Kathryn Woodward. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual" in: Tomaz S. Tadeu (org.). *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. P.11.

²⁴ Idem, p.25.

²⁵ Idem, p.14.



identidade pela diferença - mesmo quando reconheciam as virtudes desses povos eles permaneciam sendo os habitantes das terras desertas, das zonas de confins, o outro em relação ao mundo civilizado ou grego (*oikouméne*) - Fílon e Josefo, buscavam nos essênios - atualização da representação dos *galactophagi* - uma imagem mais positiva do povo judeu que, imaginária, cumpria uma importante função na construção de sua identidade.

Vivendo um tempo em que as condições eram adversas aos judeus, Fílon e Josefo valiam-se de suas narrativas sobre os essênios para garantir uma "boa" referência sobre a qual pudessem se apoiar. Afinal, lembra Woodward, "Se um grupo é simbolicamente marcado como inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais"²⁶. Nesses casos, cabe ao grupo que sofre essa desvantagem buscar firmar sua identidade reconstruindo a representação que lhe é conferida pelo outro, no caso o grego e o romano. Busca-se então no passado uma imagem que mesmo esse outro pode reconhecer como justa, tomando-a como sua própria imagem.

Esse *topos* literário retoma uma imagem há muito explorada pela historiografia grega - os *galactophagi*. Em Josefo e Fílon, o *topos* procura aproximar a identidade judaica de uma imagem construída sobre povos pouco conhecidos, a maioria das vezes apreendida positivamente aos olhos dos gregos e romanos. Nos autores gregos que os precederam esse *topos* carrega uma ambigüidade, pois ao mesmo tempo em que admiram esses povos marcados pela justiça, não deixam de reconhecer neles o outro, pois remetem a um passado que, se guarda semelhanças com o seu próprio passado, não remetem à *oikouméne*. Aparentemente, Fílon e Josefo desejam demonstrar essa familiaridade aos

²⁶ Id. *ibid.*



gregos, mas nem por isso deixam de marcar uma diferença. Os judeus não são gregos, mas ainda assim podem ser compreendidos por eles.